



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Educação Física Escolar
Campus Duque de Caxias

Bethânia Ribeiro Ferreira

O PODER (SOCIAL) DO CORPO ATUANTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Duque de Caxias – RJ
2018

Bethânia Ribeiro Ferreira

O PODER (SOCIAL) DO CORPO ATUANTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Me. Edson Farret

Duque de Caxias - RJ

2018

CIP - Catalogação na Publicação

F383p Ferreira, Bethânia Ribeiro
O poder(social) do corpo atuante nas aulas de Educação física /
Bethânia Ribeiro Ferreira. – Duque de Caxias, 2018.
24 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Edson Fanet da Costa Junior.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro,
Especialização em Educação Física Escolar, 2018.

1. Corpo e mente. 2. Educação física - Prática de ensino. 3.
Educação física - Sexo. I. Título.

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do
IFRJ - Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus
Nilópolis/LAC, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária: Cassia R. N. dos Santos CRB-7/4903

Bethânia Ribeiro Ferreira

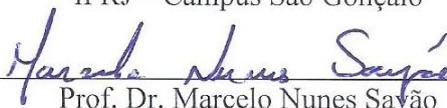
O PODER (SOCIAL) DO CORPO ATUANTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação Física Escolar do Instituto Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de especialista.

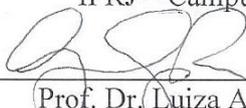
Data de aprovação: 05 de dezembro de 2018.



Prof. Me. Edson Farrêr da Costa Junior
IFRJ – Campus São Gonçalo



Prof. Dr. Marcelo Nunes Sayão
IFRJ – Campus Paracambi



Prof. Dr. Luiza Aguiar dos Anjos
IFRJ – Campus Engenheiro Paulo de Frontin

Duque de Caxias - RJ
2018

FERREIRA, B. R. *O poder (social) do corpo atuante nas aulas de educação física*. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Programa de Pós-graduação em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Duque de Caxias, Duque de Caxias, RJ, 2018.

RESUMO

O homem contemporâneo vem sendo moldado de acordo com um estilo acrítico e dentro de um cenário em que a determinação de papéis sociais é estabelecida pelos poderes dominantes da sociedade. Dessa maneira, como é possível romper essa lógica e transformar os sujeitos em indivíduos mais autônomos, críticos e conscientes? A Educação Física, através do material didático utilizado, pode servir como meio de intervenção, investigando as relações de poder do corpo estabelecidas durante as aulas. A pesquisa apresentada neste trabalho foi realizada em uma escola particular do município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, com adolescentes que cursam o 9º ano do ensino fundamental. Teve como fundamentação metodológica a pesquisa-ação e a observação participativa, uma metodologia alternativa sedimentada em uma avaliação qualitativa das manifestações sociais e comprometida com intervenções que contemplam o autodiagnóstico. Para esse fim, foram realizadas discussões acerca do tema “corpo”, com o objetivo de desenvolver uma tomada de consciência dos alunos e de produção de conhecimentos além da sala de aula.

Palavras-chave: Educação física escolar. Corpo. Sexualidade.

RESUMEN

El hombre contemporáneo se moldea según un estilo acrítico y dentro de un escenario en el que la determinación de roles sociales se establece por los poderes dominantes de la sociedad. De esa manera, ¿cómo se puede romper esa lógica y transformar los sujetos en individuos más autónomos, críticos y conscientes? La Educación Física, a través del material didáctico, puede ser un medio de intervención, investigando las relaciones de poder del cuerpo que se establecen durante las clases. La investigación que se presenta en este artículo se realizó en una escuela privada del municipio de Niterói, en el estado de Rio de Janeiro, con adolescentes del 9º año de la enseñanza fundamental. Tuvo como fundamentación metodológica la investigación-acción y la observación participante, una metodología alternativa basada en una evaluación cualitativa de las manifestaciones sociales y comprometida con intervenciones que contemplan el autodiagnóstico. Para ello, se llevaron a cabo discusiones sobre el tema “cuerpo”, con la intención de desarrollar en los alumnos una toma de consciencia y la producción de conocimientos en el aula.

Palabras-clave: Educación física escolar. Cuerpo. Sexualidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Subtemas ligados à imagem.....	20
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	UM POUCO DE CONTEXTO HISTÓRICO DO CORPO E DAS SOCIEDADES.....	6
1.2	CORPOREIDADE, ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA	8
2	PROBLEMA	8
3	OBJETIVO.....	9
4	METODOLOGIA	9
5	RESULTADOS E REFLEXÕES.....	12
5.1	AULA 01 (02 TEMPOS DE 50 MINUTOS) - TEMA: SEXUALIDADE E SUAS DEFINIÇÕES	12
5.1.1	Sexualidade: conceitos, influências e barreiras	13
5.1.2	Identidade de gênero x orientação sexual e feminismo x machismo (papel social).....	14
5.1.3	Feminismo e machismo na Educação Física: existe?.....	15
5.2	AULA 02 (02 TEMPOS DE 50 MINUTOS) - TEMA: SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA.....	16
5.2.1	Abordagem do vídeo <i>Pensamento Infantil - Sexualidade</i> e do slide <i>Sexualidade: da infância à adolescência</i>	16
5.3	AULA 03 (01 TEMPO DE 50 MINUTOS) – TEMA: SEXUALIDADE COM OLHAR ESTÉTICO/ESPORTIVO (BELEZA PADRÃO)	17
5.4	AULA 04 (02 TEMPOS DE 50 MINUTOS) - CULMINÂNCIA: DEBATE FINAL.....	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
7	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, será apresentado um breve histórico da interpretação do corpo em diferentes épocas da sociedade, pois

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. (GOELLNER, 2008, p. 28).

1.1 UM POUCO DE CONTEXTO HISTÓRICO DO CORPO E DAS SOCIEDADES

As reflexões sobre corpo e sexualidade existem há séculos e suas concepções estão relacionadas com a civilização na qual estão inseridas. A cada etapa da evolução humana, os conceitos diferem-se, exercendo um papel específico, caracterizando o comportamento de uma sociedade.

Na Grécia Antiga, o corpo era valorizado esteticamente e intelectualmente. Sócrates e Aristóteles acreditavam que corpo e mente exerciam ações recíprocas; Platão acreditava na dicotomia entre corpo e alma. Por mais que houvesse divergências entre os principais filósofos sobre a compreensão do corpo presente na sociedade, os gregos valorizavam a harmonia entre o corpo e a alma.

Na Idade Média, o corpo era reprimido e censurado pelo dogmatismo religioso. Nesse período, a Igreja, detentora do saber, controlava as ações do corpo fazendo com que seus seguidores se preocupassem mais em salvar suas almas que dar vida a seus corpos.

No século XX, o sociólogo Norbert Elias criticava as abordagens teóricas que se centravam em conceitos dos campos das ciências naturais, como a física, a química e a biologia. Essas ciências atrelavam o corpo a termos como “estrutura”, “organismo” e “função”. Assim, sob o olhar funcionalista e estruturalista, as instituições sociais eram associadas a atributos coercitivos que exerciam influência total sobre o comportamento dos indivíduos.

Esse sociólogo alemão construiu sua teoria a partir da identificação das deficiências e limitações das perspectivas teóricas consideradas clássicas pelas ciências sociais, associadas ao funcionalismo e ao estruturalismo. Essas perspectivas teóricas fundamentavam-se na formação de uma sociedade proveniente das necessidades básicas e, por esse motivo, os indivíduos interagiam. Porém, para Elias, a relação entre o “indivíduo” e a “sociedade” é

concebida por meio das individualidades e que, quando são integradas e interagem entre si, dão origem a configurações estruturais de muitos tipos, como famílias, aldeias, cidades, estados e nações.

Essas configurações, sejam em grupos relativamente pequenos ou em agrupamentos maiores, conceituam o que Elias chama de conexões e teias de interdependência humana. Essas teias ratificam o que Norbert Elias propõe em sua teoria: as estruturas sociais não estão associadas, exclusivamente, a qualquer tipo de concepção “totalizadora” ou “individualista” dos processos sociais.

Segundo Foucault (1979), durante o movimento do Renascimento, no século XVII, o corpo passou a ter um novo papel social e histórico. As regras que regularizavam o convívio em sociedade pouco a pouco se diferenciavam daquelas ligadas à Igreja. O homem passou a cultivar a si próprio. As leis sobre funcionamento da sociedade eram ditadas pela razão e por questões como sentimentos, emoções e sexualidade que, durante a Idade Média, eram tidas como ações criminosas e, no Renascimento, foram incorporadas pela nova sociedade.

Ainda de acordo com Foucault (1987), a disciplina dita a intensidade com que o corpo produz força na sociedade sob a perspectiva de utilidade, eficiência, executando técnicas perfeitas. Esse corpo que se torna obediente aos comandos e regras sociais, criado a partir do período do desenvolvimento industrial, reduz sua capacidade de expressar seus sentimentos e desejos, construindo um corpo aprisionado e dócil.

Nessa lógica, surgem os espaços funcionais, como locais demarcados para uma função determinada. O tamanho dos locais, as filas, os horários predeterminados e a rotina são sinais visíveis que controlam a vontade corporal. As escolas, igrejas, indústrias, entre outras instituições, são meios que reproduzem a dominação, pois se apropriam desses sinais para formação de um corpo manipulado.

Logo, a construção desse corpo dócil e adestrado, regido por relações de poder através da disciplina, contribui para uma formação de sujeito sem entendimento do seu eu. O homem contemporâneo vem se moldando nesse estilo acrítico e em um cenário de determinações e papéis sociais descritos pelos poderes dominantes da sociedade.

Diante do apresentado, como podemos entender a função social do corpo na sociedade atual? A escola tem sido uma instituição de reprodução ou de transformação social? A Educação Física, nesse contexto, contribui para um corpo dócil, reforçando sujeitos frágeis?

Pode a Educação Física romper com a lógica das funções sociais predeterminadas, buscando sujeitos mais autônomos e críticos?

Nesse contexto, o objetivo deste estudo é investigar as relações de poder do corpo estabelecidas nas aulas de Educação Física.

1.2 CORPOREIDADE, ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA

A expressão “a existência é corporal”, dada por David Le Breton em seu livro *Sociologia do Corpo*, é uma afirmação significativa para entender o corpo como local de construção de nossa identidade. (LE BRETON, 2006, p. 24).

O corpo se constrói na relação entre o biológico, o psicológico, o social e o cultural: “o corpo é uma construção cultural, sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.”. (GOELLNER, FIGUEIRA e JAEGER, 2008, p. 67).

Segundo Silva e Magalhães (2008), em uma perspectiva pós-estruturalista, as representações não nos remetem ao mundo real. As representações são significados produzidos pela linguagem que passam a dar sentidos aos nossos pensamentos, ações e identidades. A abordagem pós-estruturalista nos auxilia a compreender as dinâmicas culturais que contribuem para a construção de representações diversas sobre sujeitos. Seus pressupostos nos permitem refletir sobre como os discursos e práticas tidos como “naturais” para determinado grupo exercem pedagogias de controle e conformação social sobre os plurais aspectos relacionados às experiências humanas.

No que se refere à Educação Física, a compreensão do corpo e de uma natureza humana pautados em pressupostos exclusivamente biológicos influenciou, em grande escala, a produção dos conhecimentos da área (DARIDO, 2003; DARIDO e RANGEL, 2008). É somente a partir da década de 1980 que o predomínio das abordagens biológicas na Educação Física passa a ser questionado. Essa nova “onda científica” abriu espaços para o reconhecimento das influências socioculturais sobre as representações, significações e construções dos sujeitos no que se refere às práticas e atividades corporais. (BETTI, 1991; CASTELLANI FILHO, 1994; DAOLIO, 2004; DARIDO e RANGEL, 2008).

2 PROBLEMA

O homem contemporâneo vem sendo moldado em um estilo acrítico e em um cenário de determinações e papéis sociais descritos pelos poderes dominantes da sociedade. Pode a

Educação Física romper com a lógica das funções sociais predeterminadas, buscando sujeitos mais autônomos e críticos?

3 OBJETIVO

Esta pesquisa tem como proposta investigar as concepções de corpo e a possível relação de poder estabelecida nas aulas de Educação Física e desenvolver uma tomada de consciência e de produção de conhecimento para além da escola. Para isso, foi utilizado o conteúdo do material didático escolar a fim de saber o que e o quanto os alunos sabem sobre o corpo humano.

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada caracteriza-se pela abordagem qualitativa, através da pesquisa-ação e da observação participativa, uma metodologia alternativa sedimentada em uma avaliação qualitativa das manifestações sociais, comprometida com intervenções que contemplam o autodiagnóstico (DEMO, 1995). Demo afirma que “a pesquisa contemporânea vem manifestando um certo ‘cansaço’ metodológico no que se refere a métodos e técnicas aplicados à investigação em Ciências Sociais e, especificamente, na Educação. Os procedimentos adotados, prioritariamente empiristas e positivistas, têm se utilizado da investigação de campo para adaptar a realidade encontrada aos métodos selecionados para produzir ciência, ou seja, parte-se do método para a realidade, adaptando-se as informações coletadas aos moldes metodológicos e ao referencial teórico adotados.”

Ao adotar essa metodologia de pesquisa, a atitude dos pesquisadores deve ser sempre de “escuta” e de elucidação dos diversos aspectos da situação, sem imposição de suas concepções próprias. Para Thiollent (2000), os objetivos da pesquisa-ação podem ser: 1) instrumental, quando visa resolver um problema prático, de ordem técnica; 2) de tomada de consciência, quando visa desenvolver a consciência coletiva a respeito de problemas enfrentados; e 3) de produção de conhecimento, que não seja útil apenas para a coletividade considerada na investigação local. Pode-se enfatizar os três aspectos, mas, geralmente, um ou outro é alcançado em detrimento dos outros. Contudo, pode ser que sejam alcançados os três, mediante um maior amadurecimento metodológico.

Com base nesses objetivos da pesquisa-ação, segundo Thiollent (2000), a tomada de consciência e a produção de conhecimento caracterizaram, inicialmente, o procedimento da pesquisa. A ideia era despertar nos alunos a consciência das diferenças dos corpos, investigando a concepção de corpo e sua ligação com uma possível relação de poder.

Na área educacional, a pesquisa-ação tem como “criador” desse estilo alternativo de pesquisa e ação educativa, em toda a América Latina, Paulo Freire (GAJARDO, 1985). Buscando investigar a “realidade concreta”, diante de problemas que enfrentamos na prática docente (políticos e ideológicos, e não apenas epistemológicos pedagógicos ou das ciências sociais), Freire (1984) propõe um método de pesquisa alternativa em que se aprende a fazer melhor essa pesquisa através da ação. No entender do autor, fazendo pesquisa-ação, o pesquisador educa e está, ao mesmo tempo, educando-se. Assim, voltando à área para colocar em prática os resultados da pesquisa, ele está, além de educando e sendo educado, pesquisando outra vez, em um permanente e dinâmico movimento de pesquisar e educar.

A pesquisa participante e a pesquisa-ação (ambas se utilizam da observação participativa) vêm adquirindo força no campo da pesquisa em Educação Física por se caracterizarem como métodos de pesquisa que inserem o pesquisador no campo investigado, tornando-o parte do universo da pesquisa de campo. Isso é relevante quando se considera que toda a produção do conhecimento se dá por processos de mediação entre os homens no interior das relações sociais. A intervenção na área de Educação Física deve partir de experiências coletivas que podem ser propiciadas pela pesquisa-ação. Para David (1998), partir da prática social dos professores de Educação Física supõe basear-se nos elementos concretos que surgem no interior do grupo, na escola, no processo educativo etc. No entanto, não se restringe só a isso, pressupõe, também, resgatar questões de natureza subjetiva e valores socioculturais do coletivo envolvido.

A intervenção educativa na escola a partir dessa opção metodológica (observação participante e/ou pesquisa-ação) pode ser viabilizada pelo diagnóstico de determinada realidade escolar, construindo estratégias de ação e, finalmente, organizando o coletivo em prol de uma reestruturação educacional. Essa reestruturação pode atingir programas curriculares, planejamento escolar, trabalho coletivo etc.

A pesquisa em questão foi realizada no Colégio e Curso M3, localizado no município de Niterói, durante o 2º bimestre, nos meses de abril, maio e junho, do ano de 2018, com os alunos e as alunas do 9º ano do ensino fundamental, sendo 18 meninas e 12 meninos. A escolha da escola se fez pelo fato de a pesquisadora trabalhar na instituição desde 2012.

Ao longo dos seis anos de magistério nessa escola, os conteúdos abordados pelos professores vêm sofrendo ajustes a fim de mostrar aos alunos uma linha diferente da educação física tradicional. As aulas são divididas em aulas práticas e aulas teóricas. Nas aulas práticas, o conteúdo principal é o esporte, desde sua origem até a execução do jogo propriamente dito. Nas aulas teóricas, através do material didático impresso, são abordados temas tanto sobre

aspectos físicos relacionados à biologia humana e à prática esportiva, como também os aspectos de saúde mental, saúde e alimentação, estética e autoestima, corpo e sexualidade e corpo e mídia.

A princípio, os alunos se surpreendem com a proposta pedagógica da Educação Física, pois esta foge do comum e os temas abordados no material didático impresso vão além do conteúdo esportivo. Porém, essa proposta é bem aceita, e a participação dos alunos é muito significativa.

O material impresso consiste em uma apostila elaborada pelos professores de educação física da escola. Essa elaboração foi embasada pela experiência vivida pelos professores ao utilizarem o material fornecido pela editora COC nos anos anteriores. Com isso, o novo material foi montado sendo com os tópicos que os professores acreditaram ser viáveis ao conteúdo programático da disciplina.

Foi esclarecido à direção, à equipe de coordenação escolar e aos alunos que a pesquisa a realizada faz parte das atividades de conclusão do curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação Física Escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Foi explicado que a pesquisa tinha como proposta utilizar o conteúdo do material didático a fim de saber o que e o quanto os alunos sabem sobre o corpo humano, além do fato de estar associado aos conceitos biológicos, fisiológicos e esportivos. Essa indagação se deu após as aulas da disciplina *O Corpo na Contemporaneidade*, ministradas pelo professor Marcelo Sayão no referido curso de pós-graduação. Nessas aulas, debatemos sobre a importância e sobre o quanto de poder o corpo pode exercer no comportamento do indivíduo e, conseqüentemente, em uma sociedade. Assim, quis buscar em meus alunos a percepção do poder que o corpo tem em suas vidas.

Como mencionado, o corpo é abordado sob diferentes aspectos ao longo do Ensino Fundamental II, e, na turma do 9º ano, o corpo é abordado considerando a visão estética, sendo questionado que tipo de corpo devemos ter e o que fazer para alcançar esse objetivo. Porém, em minhas aulas, tento fazer com que os alunos enxerguem o corpo de maneira mais subjetiva, fugindo da visão biológica e esportiva que sempre é trabalhada nas aulas de Educação Física. A partir disso, por meio das atividades relacionadas ao capítulo *Sexualidade: À procura do corpo perfeito*, do material didático, as reflexões sobre o corpo foram organizadas da seguinte maneira:

Aula 01:

- Reflexão sobre o(s) conceito(s) da temática corpo e sexualidade, mediante o texto *Sexualidade: À procura do corpo perfeito*

(1º capítulo da apostila do 2º bimestre - 9º ano).

Aula 02:

- Abordagem do vídeo *Sexualidade na Infância* (site Nova Escola) e dos slides de minha autoria sobre *Sexualidade e Adolescência*.

Aula 03:

- Depoimentos dos alunos sobre corpo e sexualidade sob aspecto estético/esportivo (beleza padrão).

Aula 04:

- Debate final sobre o tema *O Poder do corpo na Contemporaneidade*, em parceria com a disciplina de Língua Portuguesa.

5 RESULTADOS E REFLEXÕES

5.1 AULA 01 (02 TEMPOS DE 50 MINUTOS) - TEMA: SEXUALIDADE E SUAS DEFINIÇÕES

Objetivos:

- Debater com os alunos o tema sexualidade e suas variantes.
- Dialogar e questionar a partir das concepções acerca do tema.

Seguindo o conteúdo programático do 9º ano, iniciamos o 2º bimestre com uma reflexão sobre os conceitos da temática *Sexualidade: À procura do corpo perfeito*. O texto está direcionado para o aspecto estético/esportivo: os benefícios que a prática da atividade física proporciona ao indivíduo. Porém, antes de debater o texto, quis saber dos alunos qual era, para eles, o significado da palavra *sexualidade*. A partir dessa indagação, iniciamos a reflexão buscando outros desdobramentos da temática em questão.

Em sala de aula, os alunos escreveram no quadro as palavras que eles acreditavam que poderiam estar associadas à sexualidade. Assim, foram apresentados os seguintes termos:

- Identidade de gênero
- Heterossexual x homossexual
- Religião
- Família
- Sexo

- Sexismo
- Feminismo x machismo
- Ideologia de gênero
- Beleza

5.1.1 Sexualidade: conceitos, influências e barreiras

Com as associações expostas, dialogamos sobre o quanto cada uma delas pode ou não impactar no comportamento do indivíduo na sociedade à qual pertence. A mídia foi escolhida pelos alunos como o meio mais acessível para obter informações sobre corpo e sexualidade. Para eles, a imagem do corpo é constantemente usada em diversos meios, como comerciais publicitários, programas de entretenimento e jornalísticos, redes sociais etc. Com isso, segundo os estudantes, a visão que se propaga do corpo é a de que ele é um objeto vinculado a algum produto a ser consumido. Assim, seguindo o pensamento dos alunos, essa exposição do corpo, na sociedade, faz aumentar a existência de um tabu que acarreta a inibição de discussões sobre corpo e sexualidade em um aspecto mais subjetivo e, então, a família e a religião acabam por assumir esse papel de maneira exclusiva.

Quanto ao conceito de sexualidade, não houve um consenso. Analisando as respostas dos alunos, percebi que a definição de corpo e sexualidade está vinculada a como esses termos são apresentados a eles, seja em uma visão religiosa e familiar ou pela mídia. O ambiente escolar (pátio, quadra esportiva, intervalo) foi citado como um local para conversas informais sobre o assunto, porém a escola não foi citada como um local de acesso e debate sobre o assunto.

Nesse primeiro momento, por se tratar de um assunto delicado, procurei não os influenciar com minha opinião ou apresentando autores que abordam esse tema para que eles pudessem me mostrar de fato o que e quanto sabem sobre o tema. Alguns alunos se mostraram à vontade em participar da aula, outros se soltaram no decorrer da conversa e um grupo de meninas mostrou-se, aparentemente, incomodado com o assunto. Ao serem questionadas sobre o porquê de não quererem participar, responderam que apenas queriam atuar como ouvintes.

5.1.2 Identidade de gênero x orientação sexual e feminismo x machismo (papel social)

Os termos *identidade de gênero*, *orientação sexual (heterossexual x homossexual)*, *machismo* e *feminismo* foram os mais citados pelos alunos. Ao serem questionados do porquê desses termos, os alunos creditaram ao momento atual em que sua geração está inserida. As manifestações feministas ocorridas mundo afora e os direitos alcançados pela comunidade LGBT+ são as principais fontes que impulsionam uma reavaliação do comportamento da sociedade e suas possíveis mudanças.

Apesar de se mostrarem confusos em seus argumentos, os alunos associaram identidade de gênero a orientação sexual. Segundo eles, para que um indivíduo possa se relacionar com outro, deve estar consciente de sua imagem, de sua identificação. Afirmaram, também, que não há diferença entre as concepções de relacionamentos heterossexuais ou homossexuais, pois o mais importante é o comprometimento que o relacionamento exige, e isso inclui, segundo a opinião deles, a afetividade, o companheirismo, a lealdade e a fidelidade.

Assim como relatado no item 5.1.1, apesar de se tratar de um tema atual, porém delicado, não realizei nenhuma intervenção explicando com minhas palavras ou citando autores que abordem esse assunto, pois busquei apenas saber a opinião dos alunos.

Com relação às palavras feminismo e machismo, alguns acreditavam que os termos eram antagônicos. Após uma breve explicação dos significados, esclarecendo que o feminismo caracteriza-se por movimentos sociais cujo objetivo é alcançar igualdade entre os sexos e que machismo seria um comportamento social/cultural de uma sociedade em que o sexo masculino se sobrepõe ao feminino, os alunos conseguiram correlacionar os termos ao papel social que cada sexo, obrigado ou não, exerce dentro da sociedade.

Nesse momento da aula, fiz a intervenção, pois esse assunto é o foco de minha pesquisa. Após desmistificar e conceituar os termos, pude dar início ao que buscava: correlacionar o que foi abordado nas aulas da disciplina *O Corpo na Contemporaneidade* com a realidade dos alunos. Para isso, foram levantadas questões como: se existem, de fato, brincadeiras somente para meninas ou meninos; atividades culturais e esportivas que são praticadas de acordo com o gênero; funções da mulher e do homem quando se tornam mãe e pai; posição e valorização da mulher e do homem no mercado de trabalho. Após os questionamentos, os alunos entenderam que essa separação de papéis determinadas pelo sexo conceitua o termo sexismo e concluíram que, na atualidade, há avanços para mudar essa concepção, uma vez que já há diálogos acerca desse tema, ainda que, na prática, ainda haja o que melhorar.

Ao obter as conclusões dos alunos sobre os papéis da mulher e do homem, quis saber se o comportamento predeterminado pela sociedade os influencia em seus cotidianos. Muitos admitiram que são influenciados e apontaram a cultura como a responsável por ditar esse comportamento. Mostraram, também, estar conscientes de que alguns comportamentos podem ser modificados e atrelaram isso à necessidade que cada geração tem de atender a suas individualidades e deixar suas características como legado para as gerações posteriores. Eles afirmaram que já atuam por essa mudança.

5.1.3 Feminismo e machismo na Educação Física: existe?

Depois do exposto no item anterior, continuei questionando os alunos acerca dos temas mencionados e coloquei como exemplo a aula de Educação Física. Perguntei como, na visão deles, meninas e meninos se comportam durante as aulas, fazendo as seguintes perguntas: a) Os meninos sobrepujam as meninas nas atividades físicas, ditando o ritmo da aula?; b) Durante a execução de determinados movimentos, os corpos expostos são respeitados? Após pensarem, concordaram que ocorre certo desrespeito entre eles, tanto pela parte dos meninos como pela parte das meninas. Os meninos assumiram que dominam as atividades físicas, inibindo a participação das meninas, porém justificaram que agem assim porque têm mais interesse que elas. Por sua vez, as meninas assumiram ter menos interesse nas aulas e confessaram sentir incômodo pelos olhares dos meninos em certos exercícios executados por elas. Relataram, também, que têm esse comportamento em relação aos meninos, porém com mais discrição.

Em seu artigo *Meninos e meninas – expectativas corporais e implicações na educação física escolar* (1988), Altmann afirma que:

não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores freqüentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor freqüência até mesmo do que algumas meninas. (ALTMANN, 1988).

Kunz (1993) alerta, em estudo sobre a construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais no contexto escolar, que “a educação física constitui o campo onde, por excelência, acentuam-se, de forma hierarquizada, as diferenças entre homens e mulheres”. Por fim, Soares (1994) e Gomes (1998) apontam a constante resistência ao longo da história dessa disciplina na escola brasileira, fortemente vinculada à biologia e ao positivismo. Segundo Souza e Altmann (1999, p. 57):

Essa história mostra que na aparência das diferenças biológicas entre os sexos ocultaram-se relações de poder – marcadas pela dominação masculina – que mantiveram a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista, nas primeiras décadas deste século. Buscou-se manter a simbologia da mulher como um ser dotado de fragilidade e emoções, e do homem como força e razão, por meio das normas, dos objetos, do espaço físico e das técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino, fossem eles a ginástica, os jogos ou – e sobretudo – os esportes.

Este debate foi realizado em dois tempos de aula (com 50 minutos cada) e, ao final, pude perceber que a geração atual busca estar mais atenta às mudanças que ocorrem no dia a dia da sociedade. Os adolescentes acreditam que essas mudanças são válidas para a evolução da humanidade, mas que, para que isso ocorra, as questões discutidas devem ser cada vez mais abordadas, explicadas e debatidas por instituições familiares, escolares, religiosas e governamentais, e não apenas expostas e divulgadas pela mídia, como é feito atualmente.

5.2 AULA 02 (02 TEMPOS DE 50 MINUTOS) - TEMA: SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Objetivos:

- Fomentar o conhecimento dos alunos sobre sexualidade adquirido na aula anterior.
- Confrontar os depoimentos dos alunos com o material proposto para esta aula.

5.2.1 Abordagem do vídeo *Pensamento Infantil - Sexualidade* e do slide *Sexualidade: da infância à adolescência*

Para este momento, os alunos assistiram, em sala, com o auxílio do monitor de vídeo, o documentário *Pensamento Infantil – Sexualidade*, produzido pelo site Nova Escola. Na primeira aula, os alunos disseram que, para a realidade deles, a escola não era uma opção para discutir assuntos como sexualidade, e sim um local que eles utilizavam para trocar ideias sobre o assunto de maneira informal. Então, a fim de provocá-los, expliquei que assistiríamos a um vídeo em que crianças da educação infantil falavam sobre sexualidade. Meu objetivo era mostrar a eles que a sexualidade pode ser tratada em qualquer momento de nossas vidas. No primeiro instante, apesar de toda a discussão na aula anterior e de se mostrarem cientes sobre o assunto, os alunos ficaram surpresos ao saberem que seriam crianças que definiriam o termo sexualidade no vídeo apresentado. A princípio, acharam que esse tipo de assunto não deveria ser abordado por grupos dessa faixa etária, pois consideraram um tema “adulto”, apesar de eles mesmos serem adolescentes e já terem debatido aquelas questões.

O documentário é bem lúdico e, a cada fala de uma criança, há a interpretação da educadora Monique Deheinzelin, explicando como funciona a mente infantil no que diz

respeito ao tema abordado. Questionamentos como qual brincadeira a criança deve brincar e qual cor ela deve usar foram feitos às crianças, e elas deram respostas como “não há problemas todos brincarem de casinha” e que “cor é apenas uma cor”. A educadora explica que essa separação de cores e brincadeiras, muitas das vezes, é orientada pelos adultos presentes na vida das crianças, que acabam influenciando-as em suas decisões.

Um momento interessante do documentário foi quando as crianças explicaram como elas haviam nascido. Foi muito intrigante conhecer a visão delas sobre esse assunto, uma vez que se trata de um tema estritamente adulto. Porém, as respostas dadas pelos alunos baseavam-se na maneira como seus pais haviam lhes explicado como nasceram. Algumas contaram a história da cegonha; outras falaram sobre uma sementinha, o fruto do amor de papai e mamãe. Apenas uma criança explicou a reprodução sexual propriamente dita com suas palavras. Assim, a educadora Monique Deheinzelin concluiu que se pode, sim, dialogar sobre o tema sexualidade com as crianças, desde que se respeite sua capacidade cognitiva, pois elas terão autonomia de construir sua visão sobre o assunto.

Após assistir ao vídeo, os alunos se convenceram de que é possível ter esse tipo de diálogo com as crianças desde que parta de seu responsável legal e que seja respeitada a inocência infantil.

No segundo momento da aula, os adolescentes acompanharam o slide de minha autoria sobre a sexualidade da infância à adolescência. Nele, descrevi a sexualidade sob o aspecto afetivo e, na adolescência, caracterizei-o como o início dos relacionamentos amorosos. Assim, a sexualidade teve a seguinte definição:

Sexualidade não é sinônimo de relação sexual. [...] Sexualidade é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas [...] (OMS, 1975)

Indiquei como marco inicial da adolescência a *menarca*, nas meninas, e o “*estirão*” *físico*, nos meninos. Assim, com essas mudanças físicas, o despertar pelo(a) outro(a) tem seu início.

Esse foi o primeiro (e único) momento em que alunos se mostraram introvertidos com relação ao tema. Entre brincadeiras e risadas, eles aceitaram os conceitos e poucos questionaram sobre eles. Talvez, por estarem vivendo essa fase, não consigam construir argumentos que possam justificar suas ações.

5.3 AULA 03 (01 TEMPO DE 50 MINUTOS) – TEMA: SEXUALIDADE COM OLHAR ESTÉTICO/ESPORTIVO (BELEZA PADRÃO)

Objetivos:

- Interpretar o texto “Sexualidade: à procura do corpo perfeito do material didático impresso escolar”.

- Debater a perspectiva do texto apresentado e correlacionar com as experiências vividas por eles.

A apostila de Educação Física do 9º ano aborda a sexualidade sob a visão corporal: os benefícios que a atividade física nos traz e o que pode ser feito para se ter o “corpo perfeito”.

Após a leitura do texto, os alunos citaram a beleza estética como o objetivo principal da prática de atividades físicas, sendo realizada recreativa ou esportivamente. Eles acreditam que jovens e adultos priorizam a beleza corporal, deixando a saúde em segundo plano. Disseram, também, que os meios de comunicação ajudam a fomentar a ideia de que corpo perfeito deve ser adquirido através de dietas e exercícios rigorosos, assim como corpos magros ou musculosos são modelos ideais a serem seguidos. Também foi citado o fenômeno das redes sociais, em que o belo e a perfeição assumem papel de alta relevância.

As representações sociais se referem a um fenômeno típico da sociedade moderna (MOSCOVICI, 2003) e o advento da comunicação em massa permitiu o acesso maciço a contextos sociais específicos, bem como a emergência de diversos novos núcleos sociopsicológicos de produção de conhecimento do senso comum e uma conseqüente diversificação das representações (DUVEEN, 2003). Nesse sentido, considerando-se a relação da mídia com o público – tanto consumidor quanto produtor do conhecimento – as representações sociais também são construídas e difundidas por meio da interação pública entre atores sociais, em práticas de comunicação do cotidiano. (GOETZ et al., 2008, p. 227.)

Na opinião dos alunos, a saúde deve estar sempre em primeiro lugar, porém se sentem seduzidos pela imagem estética que é propagada a todo instante. Eles elegem um modelo a ser seguido – artistas, cantores, atletas – mesmo sabendo que seu estilo de vida e o de seus modelos eleitos são totalmente diferentes. Se não conseguem atingir o “corpo perfeito” de seus exemplos, eles se contentam em usar a mesma vestimenta ou algum acessório que caracterize seu ideal de beleza. *“É uma maneira de se identificar com o seu ídolo, de estar mais próximo”*, disse R., 14 anos. Em relação ao modo como ver e viver o corpo, a mídia estipula modelos de beleza que são absorvidos pela sociedade como um padrão a ser imitado. (TAVARES e BRASILEIRO, 2003.)

Houve relatos pessoais em que algumas meninas disseram ter atitudes que acarretaram sérios danos à própria saúde, transtornos alimentares como bulimia e anorexia: *“Ao chegar à adolescência, senti que necessitava ter um determinado corpo e fui em busca disso. Mas não*

consegui. Daí, rejeitei meu corpo e comecei a ficar doente. Hoje, não me permito que as propagandas ditem meu estilo, meu padrão. Estou bem com meu corpo... de vez em quando (risos)”, disse L., 14 anos.

Segundo as autoras Serra e Santos (2003), a adolescência é, no aspecto biológico, uma das fases em que há maior velocidade no crescimento do indivíduo, o que implica uma necessidade de consumo considerável de alimentos calóricos. Porém, ao contrário, também pode levar o adolescente a se preocupar com a imagem corporal, cedendo a um padrão que privilegia o corpo esguio e esbelto, o que pode acarretar o desenvolvimento de transtornos alimentares tais como a anorexia e a bulimia nervosa. Nesse sentido, os meios de comunicação veiculam ou produzem notícias, representações e expectativas nos indivíduos com propagandas, informações e noticiários ambíguos. Na mesma medida que estimulam o uso de produtos dietéticos, práticas alimentares saudáveis e de exercícios, instigam o sujeito a consumir lanches calóricos e gordurosos. As empresas midiáticas integram um contexto empresarial e um sistema de crenças nos quais há uma estreita relação entre uma suposta verdade biomédica e um desejo social e individual: o corpo seria uma espécie de campo de luta que envolve diferentes saberes, a prática e o imaginário social.

5.4 AULA 04 (02 TEMPOS DE 50 MINUTOS) - CULMINÂNCIA: DEBATE FINAL

Objetivos:

- Concluir o aprendizado adquirido pelos alunos em um debate interdisciplinar.

Concomitantemente às aulas de Educação Física que abordaram o tema *Corpo e Sexualidade*, nas aulas de redação, a professora Sorraïne de Castro abordou o capítulo *O poder da imagem no processo de comunicação*. Assim, desafiamos nossos alunos a analisarem o poder da imagem corporal na contemporaneidade sob esses dois aspectos.

Iniciamos com uma apresentação de slides mostrando o poder da imagem, abordando os seguintes subtemas:

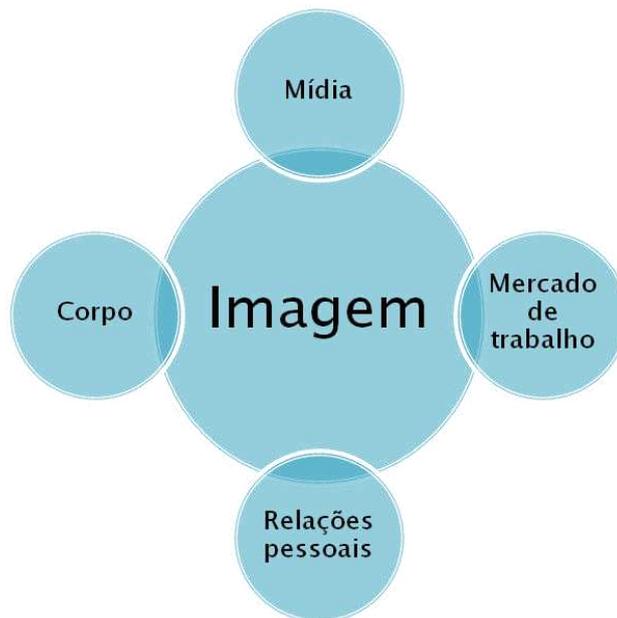


Figura 1 - Subtemas ligados à imagem.

A partir da frase do pensador e filósofo chinês Confúcio, “*Uma imagem vale mais que mil palavras*”, os alunos analisaram cada subtema e debateram sobre eles, tendo como base as discussões ocorridas nas aulas anteriores.

Com relação à mídia, voltaram a afirmar que as propagandas e os programas de TV, mesmo abordando atividade física e saúde, embelezam os corpos, deixando em evidência o padrão de beleza produzido por eles. Isso afeta diretamente a imagem que eles têm do corpo, pois somente os corpos musculosos e magros são considerados perfeitos.

No slide que aborda o mercado de trabalho, informamos que, segundo pesquisa feita pela UCLA (Universidade da Califórnia), levamos de 6 a 30 segundos para formar uma opinião sobre alguém, e a aparência é responsável por 55% desse pré-julgamento referente à primeira impressão que temos de alguém. Por isso, torna-se importante cuidar da “primeira impressão” em entrevistas de emprego, por exemplo, visando sempre adequar a nossa imagem ao nosso objetivo e ao local de trabalho.

Por ainda não estarem inseridos no mercado de trabalho, os alunos se surpreenderam com as normas ocultas estabelecidas em um ambiente corporativo, não somente no que diz respeito à vestimenta, mas, principalmente, à conduta dos trabalhadores de acordo com o cargo que exercem.

A “primeira impressão” foi correlacionada com o subtema “Relações pessoais”. Segundo os alunos, “o interesse por alguém se dá, primeiramente, pela aparência e, depois, pelo bate-papo”. Porém, eles acreditam que as redes sociais mascaram essa “primeira

impressão”, pois o que é visto nesse meio de comunicação “são pessoas sempre felizes, bonitas e de bem com a vida”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do 2º bimestre, foi possível concluir que as aulas de Educação Física podem ser um local de rompimento com a lógica das funções sociais predeterminadas, buscando transformar os alunos em sujeitos mais autônomos e críticos através de reflexões sobre o corpo, não somente correlacionando-o ao campo biológico, mas abordando-o também nos campos afetivo, social e cultural.

As aulas relatadas neste trabalho contribuíram para o desenvolvimento dos alunos, despertando-os para uma conscientização mais subjetiva do corpo e para a percepção de como este pode influenciar nas ações de seu cotidiano. Acredito que a pesquisa contribuiu com o desenvolvimento de uma tomada de consciência. Esse é um dos objetivos da linha pedagógica de Thiollent, autor citado na seção de Metodologia.

Os estudantes puderam enxergar o corpo em sua amplitude, obtendo conhecimentos que lhes permite debater sobre outros aspectos além do aspecto físico. Isso os levou a pensar que é necessário colocar em prática ações que sejam baseadas nesses aspectos, pois puderam perceber que a formação do indivíduo é feita não somente a partir das características físicas e biológicas, mas também, e principalmente, dos valores, das atitudes que não são particulares de cada sexo.

Esses conceitos ajudam a construir uma nova sociedade, na qual mulheres e homens possam exercer funções semelhantes sendo valorizados igualmente. Porém, isso somente será realizado se os indivíduos que constituem essa sociedade, incluindo eles, os alunos, atuarem a fim de alcançar esse objetivo.

7 REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física*. 1998. 111 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- BETTI, M. *Educação Física e Sociedade: a educação física na escola brasileira de 1 e 2 graus*. São Paulo: Movimento, 1991.
- CANCIAN, R. *Norbert Elias: a teoria sociológica: Teias de interdependência*. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/norbert-elias---a-teoria-sociologica-teias-de-interdependencia.htm>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.
- DAOLIO, J. *Educação Física e o conceito de cultura*. Campinas: Autores Associados, 2004. (Coleção polêmicas do nosso tempo.)
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- DARIDO, S. C. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DEMO, P. *Metodologia científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1995.
- DUVEEN, G. (2003). Introdução: O poder das idéias. In: MOSCOVICI, S. *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 7-28.
- FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Tradução de R. Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GAJARDO, M. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 15- 50.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010.

_____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003. p. 23.

GOELLNER, S. V.; FIGUEIRA, M. L. M.; JAEGER, A. A. A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, F. F.; MAGALHÃES, J. C.; QUADRADO, R. P. (Org.). *Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia...* Rio Grande: Editora da FURG, 2008, p. 67-75.

GOETZ et al. Representação social do corpo na mídia impressa. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, 2008. p. 226-236.

GOMES, E. M. P. *Atividades físico-desportivas de mulheres da elite carioca (1860 a 1930)*. 1998. 120 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

GORIL, R. M. A. Observação participativa e pesquisa-ação: aplicações na pesquisa e no contexto educacional. *Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás*, Jataí, v. 1, n. 2, jan./jul. 2006.

KUNZ, M. C. S. *Quando a diferença é mito: Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física*. 1993. 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. 1975. Disponível em: <<http://www.who.int/country/bra/en>>. Acesso em: 05 out. 2010.

PRADO, V. M. do; RIBEIRO, A. I. M. Gêneros, sexualidades e educação física escolar: um início de Conversa. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402-413, abr./jun. 2010.

SEXUALIDADE *na infância*. Disponível em:

<<https://novaescola.org.br/conteudo/3960/pensamento-infantil-sexualidade>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SILVA, F. F.; MAGALHÃES, J. C. Descolad@s, divertid@, atrevid@s e diferentes: discutindo representações de gênero. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, F. F.; MAGALHÃES, J. C.; QUADRADO, R. P. (Org.). *Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia...* Rio Grande: Editora da FURG, 2008, p. 105-110.

SOARES, C. L. *Educação física: Raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994. 167 p. (Coleção Educação Contemporânea).

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas. expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n. 48, ago. 1999.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2000.